

DOCUMENTO

EIS A ALDEIA EM PERIGO

As obras da Perimetral Norte estão levando o extermínio a oito mil índios Yanomami. Nesta página e na seguinte, o missionário Carlos Zacquini conta a vida e a morte desse povo. Reportagem de Randáu Marques. Fotos: Cláudia Andujar, especial para o JT.

As margens do rio Catrimani, na selva de Roraima, onde o Brasil faz fronteira com a Venezuela, uma das últimas nações indígenas a entrar em contato com a civilização está sendo forçada a abandonar sua cultura e modo de vida e obrigada a adotar os valores e costumes dos homens brancos, que há pouco chegaram perto de suas aldeias, dirigindo barulhentos tratores, trazendo doenças e uma estrada, a Perimetral Norte.

São os Yanomami, ou cerca de oito mil índios pertencentes a dezenas de grupos tribais que desde o final do ano passado correm o risco de entrar em extinção: a estrada lhes trouxe doenças venéreas e da pele, surtos de gripe, sarampo, tuberculose e malária.

O autor da denúncia é um missionário italiano que há dez anos tenta evitar a marginalização e o extermínio desses índios: irmão Carlos Zacquini, do Instituto dos Missionários da Consolata, um dos primeiros homens brancos a conhecer os Yanomami. Ele fundou uma missão às margens do Catrimani, junto com o padre Bindo Meldolesi e o padre Giovanni Giuseppe Calleri, que mais tarde (1968) foi massacrado pelos índios Atoari.

Para evitar o massacre dos índios pelos brancos, Zacquini conseguiu obter uma promessa da Funai: os índios receberiam toda a assistência necessária e a chegada da estrada não alteraria seu isolamento e sistema de vida; os sertanistas da Funai se encarregariam de manter o branco sob controle dentro de um raio de cem quilômetros ao redor da Missão Catrimani.

Mas nada disso aconteceu, conta o missionário:

— Foram os índios que vieram me avisar de que gigantescos bulldozers estavam derrubando a mata, a vinte quilômetros de distância. Então, avisei a Funai, mas já era tarde.

Os tratores, caminhões e guindastes chegaram de repente, e logo em seguida Zacquini teve que defender os Yanomami, com a ajuda de seus pajés, de epidemias antes desconhecidas na região. Mas logo percebeu que a sua defesa também era inútil: a chegada da Perimetral Norte provocou um choque, e não um encontro, entre o índio e o branco, e os primeiros estão sendo dizimados. "Em poucos dias eles tiveram que dar um salto desorientado e vencer os muitos milênios que os separam dessa civilização que agora eles estão sendo obrigados a adotar em lugar da sua: a civilização dos brancos e suas bebidas, doenças e sistema de vida individualista, na qual eles se tornam inevitavelmente marginalizados".

Zacquini, um homem magro e pálido de 38 anos, está em São Paulo, onde sua congregação mantém um seminário no Jardim São Bento, perto da Casa Verde, cuidando de sua saúde — abalada por 24 ataques de malária e dezenas de outras doenças tropicais que apanhou na selva. Visivelmente desiludido sobre o futuro que aguarda os índios, ele ainda não sabe se retornará a seu posto na direção da missão ou se viajará para a Europa: só tem certeza de que a história do povo Yanomami será reconstituída por ele e pelas fotos e documentários de sua amiga Cláudia Andujar. Uma história que considera fascinante, "envolvendo seres puros a quem aprendi a amar e respeitar, e com quem aprendi exatamente aquilo que eles agora começam a perder: a viver em liberdade, dispensando o superficial, conservando-se fortes e ativos e em permanente comunhão com a natureza".

Enquanto coloca em ordem suas anotações, teses e conclusões científicas sobre os índios, Zacquini lembra-se de seu primeiro contato com eles, logo que chegou ao Brasil com o título de mestre em artes mecânicas, obtido em Turim.

"Desembarquei em Santos e logo fui para Boa Vista, para a Prelazia de Roraima, onde soube que teria de ir para o Catrimani, para ficar lá durante um mês. A viagem foi um tremendo impacto na minha vida. Durante 25 dias desci o rio Branco e subi o perigoso Catrimani e suas 68 cachoeiras e correntezas, para encontrar os Yanomami, a 750 quilômetros de Boa Vista, na margem esquerda do rio e bem em frente da cachoeira do Cojubin, ao lado duma serra que foi batizada com o meu nome, pois fui o primeiro branco a escalar os 1.260 metros de seu pico principal".

A serra irmão Carlos fica na fronteira com a Venezuela, esse país onde vivem cerca de seis mil Yanomami — a maioria deles expulsos do Brasil por garimpeiros, caçadores e seringueiros. De comum, o missionário e os índios tinham o mesmo semidesconhecimento da língua portuguesa.

Apesar de já existir uma pequena clareira aberta pelo padre Calleri a beira do Catrimani — onde os pilotos tinham, "como ainda têm", medo de pousar —, o único contato do missionário com a civilização passou a ser, durante os últimos dez anos, um programa de recados transmitido todos os dias às sete da noite pela Rádio Difusora de Boa Vista, quando ele conseguia sintonizar seu transmissor com a estação.

— "Alô, alô, irmão Carlos do Catrimani! A Prelazia de Roraima manda avisar que o avião só poderá sobrevoar a aldeia e jogar alguns remédios, pois o aeroporto aí é muito pequeno e os pilotos se recusam a pousar". Eu ouvia esses recados e ficava alguns meses esperando o avião chegar. O resto do tempo era dedicado ao plantio de mandioca e outras variedades de alimentos, bem como a derrubada de árvores, a caça e a pesca e ao objetivo maior, que era entender a cultura Yanomami, para poder respeitá-la e preservá-la; e ganhar sua confiança, para poder zelar pela sua saúde.

"ENTÃO, FUNDAMOS UM BANCO NA SELVA"

A pista do aeroporto já estava ampliada e as primeiras roças, plantadas. E começou a construção da cabana simples, chão de terra batida e teto de palha, que seria a sede da missão durante muitos anos. Os Yanomami (palavra que para eles significa "Os Construtores de Casas") fizeram questão de ajudar Carlos Zacquini e seus colegas, e estes ficaram muito satisfeitos e ao mesmo tempo preocupados com as consequências do trabalho organizado na vida indígena.

— O sistema de economia de subsistência em que o índio vive, em estado natural, é que determina o modo de sua vida social, e nós não queríamos repetir os erros tradicionais da política de integração do índio, retirá-lo de sua economia de subsistência — no qual produz apenas o necessário para viver, sem sobras — e lançá-lo numa economia de mercado, onde ele é estimulado a produzir excedentes a serem comercializados. Isto porque os Yanomami não têm nenhuma condição de sobreviver numa economia competitiva. Mas eles queriam trabalhar, e a missão não queria ajudá-los paternalisticamente, dando-lhes os presentes que todos os brancos dão aos índios e dos quais ficam dependentes para sempre. Também não queríamos explorar sua capacidade de trabalho e alterar sua economia de subsistência. Foi



Quando os índios e os missionários perceberam, gigantescos bulldozers derrubavam a mata a 20 quilômetros da aldeia. Apesar da promessa da Funai de não deixar a estrada perturbar seu isolamento.

então que fundamos o "Banco do Catrimani".

Um banco que, conta Zacquini, existe até hoje; onde o dinheiro é simbólico, as cédulas são quadradinhos de papelão, marcados com círculos coloridos e numerados de um a cinco, correspondentes às horas de serviço prestadas à missão. Nada do que recebem dos missionários é dado de graça (com exceção dos remédios):

— Tudo tem que ser comprado com as fichas-dinheiro, e mediante este sistema eles nunca receberam esmolas dos brancos. Sempre tiveram o direito de receber o que precisavam, e que conquistavam com o seu trabalho. Vendemos aos índios apenas objetos que eles não podem produzir e que ao mesmo tempo não estragam sua cultura nem os escravizava a nós.

Os Yanomami tornaram-se bons clientes do banco da selva, e aprenderam até a movimentar a sua conta-corrente, depositando e retirando eles mesmos de suas contas (sem precisar da intervenção de caixas ou gerentes) seus comprovantes de crédito para comprar os objetos de que necessitavam. Objetos (machados, enxadas, torçoados, facas, tesouras, anzóis, linhas para pescaria, etc) cuidadosamente selecionados por Carlos Zacquini, que não quer criar novas necessidades de consumo entre os índios, e se orgulha do fato de eles conservarem seus hábitos primitivos e só trabalharem quando têm vontade — "embora a palavra trabalho entre eles não tenha a conotação de sacrifício que existe entre nós; para eles, é outra forma de divertimento".

— As necessidades que eles sentem são elementares, e podem ser satisfeitas com apenas poucas horas diárias de trabalho. O resto do tempo continuam dedicando às antigas ati-

vidades de caça, pesca e artesanato. Mas, mesmo quando se entretêm, construindo flechas e arcos, estão exercendo uma atividade econômica. Estas armas são, para eles, meios de produção. E com elas que vão caçar e pescar. Sentindo apenas necessidades básicas, e dependendo somente da habilidade pessoal, os índios, na sua sociedade, não criam camadas e diferenciações sociais. Sua vida é comunitária. Todos sabem fazer um arco e uma flecha; logo, facilmente alguém poderá sobressair-se dos demais por possuir um meio de produção que ninguém mais possui. Entre eles, ninguém é maior ou melhor; todos são iguais, inclusive os líderes.

Ao falar sobre as necessidades dos Yanomami, o missionário Zacquini faz questão de ser didático:

— O que acontece tradicionalmente entre o branco e o índio, quando se encontram e o último recebe um objeto de presente, ilustra bem o problema que se cria: o calção fica sujo em seu corpo. Então, ele passa a ter necessidade de sabão, que nunca tivera antes. O calção rasga, e o índio passa a necessitar de agulha e linha. Se não há sabão, o calção fica sujo no seu corpo que provoca doenças. Ele passa a precisar de remédios e de mais calções. Chega a um certo ponto em que até já adquiriu uma ridícula noção de pudor, e passa a reivindicar aos brancos, como esmola, uma porção de coisas que antes não precisava usar.

Na Missão Catrimani, os homens não usam calção (mas todos tomam banho no rio com sabão), usam um cordãozinho ao redor da cintura; e as mulheres, uma tanga de algodão que elas mesmas fiam, em seus teares rústicos e

originais. As roupas "civilizadas" são vistas como enfeites, que eles vestem poucas vezes, principalmente no inverno — não por causa da temperatura, mas por causa das nuvens de piuns, pernilongos e outros pequenos insetos que chegam a cobrir a aldeia durante vários dias.

Ao fazer suas compras, só têm uma dificuldade: não sabem contar além de três, o que cria grandes confusões entre eles e os missionários, quando eles resolvem apresentar um certo número de pessoas que não sabem numerar. Compram ferramentas que não sabem construir, miçangas, espelhos e um artigo de consumo que acham delicioso usar: escova e pasta de dente, "que nós introduzimos para combater as cáries dentárias, com bons resultados", informa Zacquini.

O fósforo já foi um pouco mais difícil introduzir: os Yanomami sempre riram muito dele dizendo que acender o fogo assim era muito fácil, dando preferência ao tradicional método de friccionar pedaços de madeira (galhos de cacaueiro) até conseguir as primeiras fagulhas e chamas.

Eles escovam os dentes todas as manhãs e noites, mas quase sempre desprezam as tesouras, cortam o cabelo com lascas afiadas de taquara e se penteiam com "pente de macaco", um fruto de árvore cheio de reentrâncias e saliências. Não gostam de cosméticos: preferem enfeitá-los com pinturas de várias cores — particularmente o vermelho (extraído do urucu) e preto (obtido de resina de juta) —, colares de contas e penas de pássaros amarradas nos braços. E têm até seu próprio anticoncepcional:

uma batatinha que colhem na mata virgem, onde conseguem também folhas, cipós e ervas perfumadas consideradas afrodisíacas.

Carlos Zacquini diz que eles conhecem também vários remédios vegetais, mas considera a maioria deles simplesmente "mágica".

— Quando chegamos lá, a mortalidade infantil era extremamente alta, e eu não sabia o que fazer para modificar tal situação. Até hoje, apesar dos medicamentos e cuidados introduzidos pela missão, os que sobrevivem até seleção natural são poucos. Os pajés são pessoas místicas, que só sabem suplicar aos espíritos certas dádivas, ou espantá-los com uma encenação que lhes exige muita energia e boas cordas vocais.

Aí, o banco estava fundado, as plantações crescendo, mas raramente o locutor da Rádio Difusora de Boa Vista avisava ao missionário a chegada de algum avião. Ele estava sozinho com os índios, e começou a ter fortes crises de malária. "Comecei a aprender a aplicar injeções em mim, e depois de algumas dezenas de picadas, como continuasse vivo, criei coragem para aplicá-las nos índios, graças a um acordo entre cavalheiros: enquanto o pajé ficava gritando e soprando o doente, eu aplicava a injeção, e depois repartíamos os méritos das curas obtidas".

"O DIA EM QUE O BRANCO COMEU A LUA"

A vida a beira do Catrimani começava ao amanhecer e terminava com o poente. À noite, o missionário escrevia o que havia aprendido sobre os índios durante o dia e tentava sintonizar alguma estação de rádio antes de dormir. Uma noite, ficou sabendo que os norte-americanos Armstrong e Aldrin desceram no mar da Tranquilidade, enquanto outro astronauta, Collins, permaneceu a bordo da Apollo 11, ao redor da Lua. Imediatamente, o irmão Carlos tentou explicar ao tuchaua, cacique da tribo, o que estava acontecendo no espaço.

Contei-lhe que o branco havia pousado na Lua com um avião. Ele respondeu que de avião era fácil, muito perto, o branco não estava fazendo nenhuma vantagem. Mas que era melhor tomar cuidado, pois Perigo (a Lua, entre eles) é um índio Yanomami que vive andando devagar pelo céu, mas de vez em quando pode zangar-se. Disse-lhe que a Lua não ficava perto, ele não acreditou. Insisti, e ele olhou para mim e para a Lua no quarto minguante e concluiu: "Então foram os brancos que comeram um pedaço de Perigo, o pedaço que está faltando nela". E foi contar para o resto da tribo, muito bem humorado, de como o branco enganou o lerdio guerreiro dos céus. Enquanto isso, a rádio Voz da América continuava fornecendo detalhes do feito histórico, dizendo que a partir daquele momento o mundo iniciava uma nova era e estava completamente mudado. Não achei outra solução: desliguei o rádio e tratei de dormir um pouco, ouvindo as risadas dos índios ao longe.

"Nossos objetivos, entre os Yanomami"

Carlos Zacquini nunca celebrou qualquer cerimônia religiosa pública no Catrimani, ou tentou catequisar seus habitantes (só durante algumas raras noites, fechados na cabana "da missão, os brancos assistiram a cultos discretos, celebrados pelos padres Bindo ou João Saffro, companheiros de Zacquini); isto seria contra os objetivos da missão, que são, basicamente, três:

- 1) — Ajudar o índio a aperfeiçoar sua cultura, para que possa viver melhor, despertando-lhe um sentimento de orgulho em relação a sua história que o incentiva a estimar e conservar suas tradições e patrimônio de vida;
- 2) — Promover humanamente o índio, para que ele possa conhecer o que é bom na nossa cultura sem rejeitar o que é bom na dele. "Nesse trabalho de promoção", diz Zacquini, nosso maior cuidado está na preservação de seus hábitos comunitários e no respeito aos valores básicos de sua civilização como meio de conservar-lhe a identidade. O índio é inocente e, ao entrar em contato com a civilização branca, é induzido a adaptar-se depressa aos costumes "civilizados". Adaptar-se, neste caso, significa imitar, fingir e, finalmente, gostar de todas as coisas de que o branco gosta. Nesse momento, ele, que antes da aculturação era feliz e saudável, perde sua própria opção de vida; é forçado a abandonar seu sistema coletivo de produção, e o individualismo começa a mudar seu comportamento. Uma das principais consequências é que o índio acaba abandonando as moradias coletivas. Na aldeia, a finalidade da habitação é dar segurança à comunidade e maior produtividade a tribo. Marido e mulher sozinhos não seriam capazes de realizar todas as tarefas necessárias à subsistência: caça, pesca, agricultura, tratamento dos filhos, artesanato. Com grupos familiares numerosos numa mesma cabana, há uma união de forças e uma divisão de trabalho que permitem uma boa vida comunitária. Quando este sistema se rompe, sua força de trabalho torna-se insuficiente para realizar todo o trabalho necessário ao atendimento de todas as suas necessidades".
- 3) — Integrar o índio na comunidade brasileira, sem desarticular sua vida tribal e sua independência: "Não se pode admitir uma integração que seja a substituição do sistema social dos índios pelo nosso sistema, e não se pode permitir que essa integração seja brusca, repentina, sob pena de condenarmos sua cultura ao desaparecimento. E os Yanomami representam uma das últimas — e, dessas, a maior — nações que ainda não desapareceram, vítimas dessa chamada integração. Agora, aquilo que deveria ser um encontro suave entre duas civilizações transformou-se em choque e violência, em desagregação de uma cultura milenar".

Esses objetivos foram traçados pelo missionário ao longo dos anos, e aplicados através do que ele define como "mistura de conhecimentos antropológicos e sociológicos, bom senso e respeito aos direitos humanos".

— Parto do princípio de que os índios são homens livres, e podem aceitar ou não o contato e o entrosamento conosco. O índio tem direitos, principalmente o direito de propriedade à terra, que ele entende muito bem. O índio tem personalidade, não deve ser tratado como criança, paternalisticamente. O índio tem cultura, não precisa nem pedir tudo de nós; só o que lhe falta. O índio tem "pátria", e a nossa finalidade é torná-lo um "brasileiro" consciente e atuante. Por enquanto, porém, ele não sabe que sua pátria se chama Brasil, porque não entende a nossa unidade geo-sócio-política. Sua pátria é a selva, onde de fato ele está vivendo e sabe viver. Por isto, não podemos arrancá-lo da selva, para introduzi-lo num ambiente que ele não pode compreender nem amar".

O FIM DO QUE PODERIA TER SIDO EVITADO

A chegada da Perimetral Norte ao Catrimani faz parte de uma velha história: tocadas de suas terras primeiro pelo colonizador português, depois pelo seringueiro, pelo castanheiro e pelo garimpeiro, muitas tribos Yanomamis